



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Teixeira Duarte, Paulo Mosânio; Lima, Maria Claudete

A deriva semântica de termos ligados a destino

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 34, núm. 2, julio-diciembre, 2012, pp. 187-198

Universidade Estadual de Maringá

.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426652006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



A deriva semântica de termos ligados a destino

Paulo Mosânio Teixeira Duarte e Maria Claudete Lima*

Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Av. da Universidade, 2683, 60020-181, Fortaleza, Ceará, Brasil.

*Autor para correspondência. E-mail: claudetelima@gmail.com

RESUMO. Este artigo trata da flutuação semântica de termos ligados à noção de 'destino', como 'acidente, fatalidade, sorte', entre outros. O objetivo principal é analisar as mudanças semânticas a partir da abordagem pragmática e histórica de Michel Bréal. Partimos de uma breve incursão teórica sobre o autor, no que concerne às bases em que constrói sua semântica, com o fim de discutir as noções de restrição e ampliação de sentido e suas relações com a intensão e extensão de sentido e a polissemia. Ao final, analisamos cada termo, acompanhado de derivados e lexias compostas e textuais, incluindo exemplos diversos, entre os quais, de música popular e de textos literários.

Palavras-chave: polissemia, restrição de sentido, ampliação de sentido, eclipse, axiologia.

The semantics fluctuation of the terms related to 'destiny'

ABSTRACT. This paper deals with the semantics fluctuation of the terms related to the notion of 'destiny', as 'accident, fatalidade, sorte', among other words semantically related. The main objective is to analyze the semantic changes taking as start point Michel Bréal's historical and pragmatic approaches. So we base our points of view on a brief theoretical incursion about the author, concerning his philosophical and psychological foundations upon which he builds his semantics theory. We discuss the notions of restriction and amplification of meaning, and the relationship of these terms with the logical terms, intension and extension, and polysemy. At the end, we analyze each term, with its derivatives and composed and textual lexies, including examples of popular music and literary texts.

Keywords: polysemy, sense restriction, sense amplification, ellypsis, axiology.

Introdução

No seu percurso histórico, as palavras adquirem novos sentidos e estabelecem novas relações semânticas umas com as outras. Às vezes, o sentido tanto se altera que podem partir, por exemplo, de um valor axiológico positivo para um valor axiológico negativo, ou vice-versa, e as conotações de caráter puramente periférico passam a ser nucleares. Pensemos, por exemplo, na palavra 'rústico', que não significa mais 'do campo', mas 'grosseiro, rude', justamente a forma como se qualificava o homem camponês.

Podemos falar de um repertório lexical contínua e intensamente sujeito à deriva (SAPIR, 1981), isto é, a um conflito, a uma instabilidade, sinalizando equilíbrio precário. Para exemplificarmos: temos 'intacto', mas não *'tacto'; 'impossível', no sentido de 'travesso', mas não *'possível', no sentido de 'não travesso'; 'perdoar' ao lado de 'doar', de relação não muito fácil de se estabelecer no plano sincrônico porque o primeiro ganhou significado metafórico: 'doação de um para o outro' (cf. ingl. *forgive*, al. *vergeben*, fr. *pardonner*).

Nosso objetivo neste trabalho é mostrar que as mudanças semânticas não afetam apenas diacronicamente os itens lexicais. Os fenômenos referidos acontecem também na sincronia. Vale ressaltar, como Bréal (1992), que, em determinados contextos, vale a restrição ou a ampliação de sentidos; noutros contextos, nenhum dos fenômenos ocorre. Para tanto, tomaremos como base a lição do mestre francês, o que não nos impede de nos socorrermos de outros autores. Inicialmente, julgamos por bem definir os conceitos de restrição e ampliação de sentido, com base nos conceitos de 'extensão' e 'intensão'. Em seguida, socorrer-nos-emos de itens lexicais do campo ou do domínio semântico de 'destino', para analisarmos em que medida sofreram ou não restrição ou ampliação de sentido. Tais itens são: 'acaso', 'acidente', 'agouro', 'augúrio', 'azar', 'destino', 'fado', 'fatalidade', 'fortuna', 'sina', 'sorte', 'sucesso', 'ventura' e seus respectivos correlatos.

As mudanças semânticas

As alterações semânticas decorrem de múltiplos fatores, estudados exaustivamente por Bréal (1992),

como a restrição e a ampliação de sentido, a metáfora, o espessamento de sentido, a polissemia. Bréal recusava-se a apresentar a analogia como uma causa e muito menos como uma força cega. Em consonância com Bréal, muito bem pondera Faraco (1992, p. 45), ao afirmar que,

[...] nenhuma mudança é por si só necessária: ela encontra seu caldo de possibilidade na pluralidade de formas linguísticas existentes no social e vai ocorrer ou não na dependência de um intrincado (e ainda pouco esclarecido) processo de preferências sociais contingentes.

Assim, o máximo que se pode alcançar nos atuais estudos sobre a mudança linguística são descrições e explicações, que têm caráter essencialmente *a posteriori*, uma vez que não há condições de prever o curso heteroclito das mudanças, em que entram em jogo não apenas aspectos internos do sistema da língua, mas também aspectos ligados ao contexto social e à cultura dos povos, inclusive interações interculturais, que contingenciam substratos, superestratos e adstratos. No léxico, aqui entendido como o repertório de lexemas, avultam marcadamente idiosincrasias e irregularidades, de tal maneira que, mesmo simpatizantes da teoria gerativa, como Rocha (1998), já reconheceram a dificuldade de estabelecer regras peremptórias.

Exemplo disso é a relação observada por Bréal entre os verbos latinos *legere* e seus correlatos prefixais *eligere* e *colligere*, nos quais existe apofonia. Esta, porém, deixa de existir quando *legere* significa ‘ler’, a exemplo de *perlegere*, *relegere*. Outro exemplo que podemos citar é a longínqua relação entre ‘ter’ e seus supostos correlatos prefixais, como ‘conter’, ‘reter’, ‘manter’. Os correlatos parecem manter, se feita análise à luz da história, uma relação mais próxima com o verbo original *tenere* ‘segurar’. Desta forma, ‘reter’ é ‘segurar de sorte que o objeto se mantenha longe’. O mesmo podemos dizer da relação entre ‘pôr’ e ‘supor’, ‘compor’ e outros derivados. A propósito, citamos Seide (2006, p. 89),

Esta multiplicação [de sentidos], aponta ele [Bréal], decorre de o sentido novo conviver com o antigo e poder ser causado pela metaforização, pela concretização, pela abstração, pela extensão, pela restrição de sentido, ou ainda por eventos externos à linguagem.

Dos fenômenos supraelencados, focaremos a atenção na ‘restrição’ e ‘ampliação de sentido’ que constituem nosso ponto de partida. Os referidos fenômenos são, até certo ponto, susceptíveis de serem interpretados, na modernidade, com base lógica, em função dos termos ‘intensão’ e ‘extensão’. O primeiro concerne aos semas inerentes às palavras

que definem seu emprego em relação aos objetos; o segundo diz respeito à correlação entre o signo e o objeto extralinguístico (ABBAGNANO, (2007, *s.v.* intensão e extensão), (ECO, 1991).

Para explicar a aparente relação entre restrição e ampliação de sentido e intensão/extensão, tomemos dois exemplos de Bréal (1992). Uma palavra como *species* designa de forma mais geral a espécie. Depois foi empregada pelos farmacêuticos medievais para as quatro espécies de ingredientes comercializados: açafraão, cravo-da-índia, canela, noz-moscada. Houve, pois, restrição de sentido: a palavra passou a ter uma extensão menor, em função dessa restrição. Por sua vez a palavra *spatium*, de onde veio a palavra portuguesa ‘espaço’, que significava originalmente ‘espaço onde corriam os cavalos’, tomou o significado de qualquer extensão espacial. Em suma, parece ser conveniente associar restrição de sentido/menor extensão/maior intensão e ampliação de sentido/ maior extensão /menor intensão. Mas não é fácil sustentar a correlação retrocitada.

O signo é uma unidade cultural, conforme Eco (1980). O semioticista investe contra as teorias referencialistas incapazes de dar conta dos objetos distantes do falante/ouvinte, dos nomes próprios (apenas denotativos), dos seres mitológicos e dos personagens históricos. Citamos, por exemplo, Júlio César com uma frase, embora nunca o tenhamos visto, mas compreendemos a asserção sobre ele. Já com relação a Bréal, podemos dizer que há um ponto em comum com o semioticista Umberto Eco: ambos não são referencialistas, embora haja um certo matiz a acrescentar: Bréal admite o fator proximidade como suporte para a noção de signo, de forma a constituir-se uma gradação de referencialidades. A esse respeito, afirma Seide (2006, p. 66),

Com relação à teoria de significação proposta por Bréal, entendemos que a importância dada àquilo a que se refere o nome não significa que ele seja partidário da concepção referencialista [...]

Para Bréal, aquilo que o falante pensou a respeito do referente está expresso no nome apenas no momento da nomeação, sendo que, quanto mais distante da origem, mais o nome adquire status de signo, em virtude de estar mais apto a ser índice de pensamento.

Para Bréal, as palavras são desproporcionais às coisas. Podem ser demasiado amplas ou demasiado restritas. Baseia-se num interessante ponto de vista com base na essencialidade do verbo, do qual derivam substantivos e adjetivos, e que, por natureza, ostenta uma significação geral, pois que “[...] marca uma ação tomada em si mesma, sem outra determinação de espécie alguma” (BRÉAL,

1992, p. 81). Assim, a adjunção de um sufixo ao verbo pode conferir a ele uma noção de agente, paciente, produto ou instrumento de ação. No entanto, os resultados substantivais e adjetivais da adjunção não perdem o significado geral. “Será preciso que pelo uso se limite”, afirma Bréal (1992, p. 82).

A título de exemplo, refiramo-nos ao nome *tegmen* usado para designar o telhado da casa. O referido substantivo provém do verbo *tegere* ‘cobrir’ e de um sufixo instrumental *men*. Todavia, *tegmen* se aplicava também para designar qualquer cobertura ou invólucro. Em se usando *tectum* em lugar de *tegmen*, depara-se com uma palavra de sentido mais restrito: tudo que é coberto. O processo culmina com o francês *toit* para encontrar-se a palavra em sua restrição máxima: “[...] cobertura de uma casa” (BRÉAL, 1992, p. 81).

O autor argumenta que a desproporcionalidade entre as palavras e as coisas não é percebida pelo falante, para quem a expressão “[...] corresponde em si mesma à coisa, graças ao conjunto de circunstâncias, graças ao lugar, ao momento, à intenção visível do discurso” (BRÉAL, 1992, p. 81). Na interação verbal, a atenção do ouvinte, dirigida ao pensamento, não se detém no valor literal da expressão, mas “[...] a restringe ou a estende segundo a intenção daquele que fala” (BRÉAL, 1992, p. 81).

Como contraponto à restrição de sentido, há a ampliação de sentido, porém a diferença progride em mais de um ponto: a restrição emerge da própria linguagem, liga-se primordialmente a fatores intrínsecos, enquanto a ampliação de sentido resulta de acontecimentos históricos, ou seja, liga-se a fatores essencialmente extrínsecos. Por exemplo, a palavra *parricidium* ‘assassinato de um pai’ ampliou-se amparada em alterações fonéticas a qualquer espécie de crime. ‘Videmia’, palavra que remonta a *vinum* ‘vinho’, aplicou-se depois a outras colheitas além das do vinho: *vindemiaolearum*, *mellis*, *turis* (BRÉAL, 1992, p. 89). Prova da ação histórica na ampliação de sentido é o excerto abaixo:

Havia em Roma um recenseamento que era feito a cada cinco anos, e que era acompanhado de cerimônia religiosa, chamada ‘purificação’ *lustrum*, *lustratio*. Como, nessa ocasião, o magistrado e os padres percorriam as organizações populares, o verbo *lustrare* assumiu o sentido de ‘percorrer’, ‘passar em revista’ (BRÉAL, 1992, p. 89, grifo do autor).

Ampliação e restrição de sentido também ocorrem na sincronia. Exemplo dado pelo autor é a frase *Aller à laville* ‘ir à cidade’, frase conhecida por todos os camponeses, “[...] mas que permanecendo a

mesma deve traduzir-se segundo a região por um nome diferente” (BRÉAL, 1992, p. 85). Bréal (1992) se refere ao fato de Platão ter acusado Tales de não ter empregado devidamente os termos relativos aos princípios mais abstratos da linguagem filosófica. Em suma, Bréal remete à questão hodierna das línguas de especialidade, já vigente no tempo de Platão (SEIDE, 2006).

Vale ressaltar que os vários fenômenos de mudança semântica se associam à polissemia:

O sentido novo, qualquer que seja ele, não acaba com o antigo. Ambos existem um ao lado do outro. O mesmo termo pode empregar-se alternativamente no sentido próprio ou no sentido metafórico, no sentido restrito ou sentido amplo, no sentido abstrato ou no sentido concreto... (BRÉAL, 1992, p. 103).

Há um caso particular de polissemia que não se associa à restrição ou ampliação de sentido (BRÉAL, 1992). É aquela que resulta por redução, vulgarmente conhecida por elipse. Pode configurar-se plenamente, sendo irrecuperável o elemento suprimido, ou pode configurar-se precariamente, sendo o elemento suprimido recuperável por conhecimento de mundo ou cooperação pragmática. Acoplada à elipse, entra em cena o fator ‘frequência’: “[...] o uso frequente de duas unidades léxicas em combinação gera um sintagma lexicalizado que acaba por produzir um lexema único, com significado distinto de seus elementos componentes de origem” (BIDERMAN, 2001, p. 152): *res publica* > ‘república’, *avis struthio* > ‘avestruz’. Como dissemos, existe a recuperabilidade, muito frequente na chamada derivação imprópria, ‘os pobres’ (< homens pobres), ‘um expresso’ (< café expresso), ‘imóveis’ (< bens imóveis) (LEMLE, 1984). Outros casos de elipse ou redução, referidos por Bréal (1992), porém associados à atuação social, não apenas à mera forma como faz Lemle (1984): ‘a perpendicular’ (linha perpendicular), ‘a diagonal’ (linha diagonal), entre os matemáticos que usam bastante as citadas palavras de sorte que eliminam o substantivo, porém sem haver opacidade dele. Por sua vez certos casos de elipse são descritos por Bréal (1992, p. 48) como sobrevivência do neutro, a exemplo de “[...] o belo, o verdadeiro, o honesto, o útil, o agradável, o infinito”, assim por diante.

Para encerrarmos esta fundamentação teórica, destacamos a modernidade em germe do linguista francês, nos pontos que segue. Em primeiro lugar, deu primazia ao uso como fundamento das mudanças, o que, por um viés, o aproxima de Wittgenstein, descontadas naturalmente as diferenças. Segundo Wittgenstein (1953), as palavras, de algum modo, valem como utensílios e

ferramentas e significam mediante o seu uso em determinado contexto. As ideias de Wittgenstein, vale dizer *en passant*, foram retomadas por Givon (2005), ao que se acrescenta: o significado é não discreto e repleto de gradação. A aproximação que fazemos *mutatis mutandis* é acoplada ao componente pragmático que Bréal (1992) já considerava ao asseverar, por exemplo, que a expressão, para aquele que fala, corresponde em si mesma à coisa, devido: ao conjunto de circunstâncias, ao lugar, ao momento, à intenção visível do discurso e, no que tange ao ouvinte, este ultrapassa o valor literal, fixando-se na restrição ou ampliação semânticas, em conformidade com aquele que fala.

Bréal did not only study language as a system of signs and as a social institution, as indicated by the 'ideologues' and the psychologist Taine, he also analysed the use of signs in contexts and the use of language for the expression of feelings as well as beliefs, wishes, demands and so on, in short speech acts. He also examined the expression of the subject, what he called subjectivity, in language, as for example the function of markers like nevertheless, hopefully, etc. (NERLICH; CLARKE, 1994, p. 448).

No drama entre produtor e receptor, em que as palavras figuram como atores, conforme dizeres do próprio Bréal (1992, p. 158),

[...] em que o agenciamento gramatical reproduz os movimentos dos personagens é necessário pelo menos melhorar essa comparação por uma circunstância especial: o produtor intervém frequentemente na ação para nela misturar suas reflexões e seu sentimento pessoal [...] Essa intervenção é o que proponho chamar o aspecto subjetivo da linguagem.

Neste drama, além dos elementos subjetivos, marcados por palavras ou membros de frase, por formas gramaticais e pelo plano geral das línguas, é importante mencionar a axiologia ou conotação axiológica, ligada aos valores de bom, mau ou não marcado (nem bom nem mau). Trata-se do que Palrilha (2009, p. 92) define como “[...] propriedade semântica de certas unidades lexicais, que lhes permite funcionar com a conotação que lhes pretendemos dar”, conotações que Eco (1980) chama de ‘marcas axiológicas’, que podem ser positivas, negativas ou não marcadas.

A propósito, Bréal (1992, p. 77), posicionando-se contra a pretensa “[...] tendência pejorativa das palavras”, argumenta que mudanças de sentido positivo para negativo podem ser explicadas como efeito de eufemismo: “[...] é o efeito de uma disposição muito humana que nos leva a esconder, a atenuar, a disfarçar as idéias desagradáveis, ofensivas

ou repulsivas” (BRÉAL, 1992, p. 77). Tal mudança pode ainda ser explicada como resultado da “[...] natureza da malícia humana ter prazer em encontrar um vício ou um defeito por detrás de uma qualidade” (BRÉAL, 1992, p. 78). No sentido oposto, a mudança de sentido negativo para positivo resultaria da polidez: “[...] a afecção tem contornos curiosos que fazem com que termos de significação desfavorável percam o que tinham de desagradável” (BRÉAL, 1992, p. 78). Isto demonstra o relevo que a subjetividade ganha na abordagem brealina de tal modo que o autor a coloca como fator primordial da linguagem:

Não se trata, pois, de um acessório, de uma espécie de superfluidade, mas ao contrário de uma parte essencial, e sem dúvida do fundamento primordial ao qual o resto foi sucessivamente ajuntado (BRÉAL, 1992, p. 161).

Em segundo lugar, Bréal (1992), a nosso ver, lançou germinalmente as bases da linguística cognitiva, quando estudou a metáfora, citando exemplos como ‘pensar é calcular’. Daí as noções de ‘ponderar, calcular’, entre outras, para a atividade do pensamento. Podemos ir adiante e, no campo da moral, associar uma boa conduta à retidão. O que não é se conduzir retamente (*recte*) é conduzir-se torto (*prave*), de onde ‘depravado’. Este caráter precursor de abordagem cognitiva é apontado por Geeraretz (1998), que, tendo feito um longo histórico da semântica lexical e situando Bréal na semântica diacrônica pré-estrutural, afirma:

The cognitive approach is to a large extent a return to the questions and interests of pre-structuralist tradition of diachronic semantics. For one thing, the cognitive revival of diachronic semantics links up with the gigantic amount of historical work done in the pre- structuralist stage of development of lexical semantics (GEERAERTS, 1998, p. 132).

Em terceiro lugar, relevamos a ousadia de Bréal em assumir a linguística como ciência histórica e não ciência natural. Afinal, para o autor a inteligência como a faculdade para conhecer tem a sua origem no funcionamento do signo (GUIMARÃES, 1992). Daí decorrem as mudanças na linguagem, como instrumento de civilização e tais mudanças se devem à mediação da vontade, “[...] através de um trabalho errático e perseverante” (GUIMARÃES, 1992, p. 11). Entende-se por ‘vontade’ um confronto de desejos:

Creio que é preciso representá-la [a vontade] sob a forma de milhares, milhões, bilhões de tentativas, muitas vezes infelizes, algumas vezes com algum sucesso, que assim dirigidas, assim corrigidas, assim aperfeiçoadas, acabam por se definir numa data direção. O objetivo, em matéria de linguagem, é o de ser compreendido. A criança, durante meses, exerce

sua língua, proferindo vogais, articulando consoantes: quantos fracassos, antes de chegar a pronunciar claramente uma sílaba! As inovações gramaticais são do mesmo tipo, com a diferença de que todo um povo delas participa. Quantas construções confusas, incorretas, obscuras, antes de encontrar a que será a expressão, não adequada (este não é ponto), mas, ao menos, suficiente do pensamento! Neste longo trabalho, não há nada que não venha da vontade (BRÉAL, 1992, p. 19-20).

Uma vez delineadas as bases do pensamento brealino, fundamento de nossa análise, passemos ao *corpus* referente ao domínio semântico de destino.

O domínio semântico de 'destino'

Nosso *corpus* constitui-se primordialmente de letras de músicas populares e textos literários e jornalísticos. Os exemplos de letras de música foram coletados no site 'Vagalume' (2012), que disponibiliza para consulta mais de 1 milhão de letras de músicas. Os exemplos de textos literários foram coletados no site *Logos* (2012) que permite consulta em 2049 textos literários, e no site 'Corpus do Português' (2012), de Davies e Ferreira, que permite pesquisar em mais de 50.000 textos, de variados gêneros, em português brasileiro e europeu do século XIV ao XX. Deste último, também foram retirados os exemplos em textos jornalísticos. Ressaltamos que limitamos nossa pesquisa a textos do século XX.

As subseções a seguir descrevem 12 itens lexicais do domínio semântico de destino, bem como os derivados e lexias compostas e textuais, quando existem, naturalmente. Por lexia, compreende-se o que Pottier (1978, p. 268) conceitua como "[...] unidade lexical memorizada, unidade de comportamento". Em nossa concepção, ela abrange tanto os compostos e chamadas expressões idiomáticas, como o que a tradição gramatical designa por locução, a exemplo de 'sorte cotó', 'de sorte que' e 'de sorte a'.

Acaso

A palavra 'acaso' resulta de formação latina *a casu* 'por casualidade'. Segundo Ferreira (1999, s.v.) "[...] conjunto de pequenas causas independentes entre si, que se prendem a leis ignoradas ou mal conhecidas, e que determinam um acontecimento qualquer":

(1) Mas toda santa madrugada/Quando uma já sonhou com Deus/E a outra, triste namorada/Coitada, já deitou com os seus/O acaso faz com que essas duas/Que a sorte sempre separou/Se cruzem pela mesma rua/Olhando-se com a mesma dor (Chico Buarque, *Umas e Outras*).

Todavia, embora este pareça o significado mais difundido, há de se registrar outro significado, o de 'destino, fado':

(2) Não sei se o acaso quis brincar/Ou foi a vida que escolheu/Por ironia fez cruzar/O meu caminho com o seu (Leila Pinheiro, *Acaso*).

Bluteau (1728) registra as formas 'a caso', formada de 'caso' 'acontecimento', e 'acaso' 'caso fortuito'. Ambos derivam de *cadere*, verbo cujo sentido primário em latim é 'cair' (SARAIVA, 2006, s.v. *cado*). Desse sentido, assumiu, ainda em latim, o de 'cair no combate' como em *pugnantes cadunt* 'caem no combate', donde 'morrer'. Sofreu abstratização, como no exemplo de Cícero: *cadere animis* 'perder a coragem' e de Plauto: *Cecidi stultitia mea* 'caí na desgraça por loucura minha' até significar 'suceder, acontecer, cair em sorte' (SARAIVA, 2006, s.v. *cado*), como nesses passos de Cícero: *Mihit cecidit ut* 'sucedeu-me que', *cadere bene* 'suceder bem'. O substantivo *casus*, derivado de *cadere*, também passou de 'queda' ao sentido de 'fim, termo' e 'acontecimento, circunstância imprevista, destino, sorte'. *Casus adversi*, por exemplo, era 'adversidade, desventura'. Dizer *Rem in casum dare* era dizer 'entregar uma coisa ao acaso'. Em Nepos, temos *Casu accidit ut* 'sucedeu por acaso que...'. Este exemplo é particularmente interessante, porque nele vemos duas palavras com uma mesma origem *casu* e *accidit*, do verbo *cadere* (*ad* + *cado*), o que mostra que, para o usuário da língua, tinham sentidos distintos. O sentido de 'sorte, destino' testemunham essa frase de Tácito: *Idem Catuadoe casus* 'a sorte de Catuadoa foi a mesma' e de Cícero: *Casum communem nec vitare nostrum quisquam potest...* 'Nenhum de nós pode esquivar-se ao destino comum...'. Há gradualmente um delineamento para a noção de destino, bom ou mau, cuja leitura axiológica é contextualmente determinada.

Em outra letra de música popular, deparamo-nos com o seguinte trecho:

(3) signo do 'acaso' bem marcado em cartas de tarô, meu amor, nosso amor estava escrito nas estrelas (Tetê Espíndola, *Escrito nas Estrelas*).

Este exemplo constitui uma prova cabal de que o contexto pode alterar o significado de um item lexical através de uma conjunção de traços semânticos. O traço de fortuidade de 'acaso' é apagado devido ao adjetivo 'marcado'. A propósito disso, vale lembrar a letra de uma outra música popular, em que o mesmo fenômeno ocorre:

(4) o 'acaso' vai me proteger/enquanto eu estiver distraído. (Titãs, *Epitáfio*).

O contexto, mais precisamente, a interação entre o nome 'acaso' e o predicado verbal 'vai me proteger' força uma leitura em que o não fortuito é excluído. Desnecessário se faz relevar o papel do contexto discursivo que elege dentre as possíveis leituras a adequada.

Os derivados e lexias compostas, ‘casual’, ‘por acaso’, ‘ao acaso’, não se ligam ao significado de ‘destino’, mas ao mais frequente: ‘ocasional, fortuito’:

(5) as suas memórias sobre a existência de amazonas no Brasil, sobre o descobrimento ‘casual’ ou não deste e sobre as civilizações indígenas do país e da Oceania (José Veríssimo, *História da Literatura Brasileira*).

(6) Vai ser tão simples quanto eu vejo nas revistas/que falam de amor como uma coisa tão normal como se não passasse de um encontro ‘casual’ (Kid Abelha, *Educação Sentimental*).

(7) Agora você me prensou contra a parede/Eu não passava por aí ‘por acaso’/Não, eu não olhava pra você por acaso/Eu sempre quis você (Engenheiros do Havá, *Por Acaso*).

(8) Tiro um fino com o destino/E me movimento/Ao acaso’ do azar ou da sorte/No tabuleiro de xadrez (Adriana Calcanhoto, *Pista de Dança*).

(9) Mas deixo ao destino/Deixo ‘ao acaso’/Quem sabe eu te encontro/de noite no baixo (Caetano Veloso, *Lua e Estrela*).

A propósito, vale lembrar que Bréal (1992, p. 188) considera as locuções e grupos de palavras espécie de redutos que ‘protegem’ as palavras constituintes de mudanças ao longo do tempo: “[...] nesse reduto no qual ela é confinada, vemo-la escapando às mudanças da língua, às revoluções do uso e das idéias”. Em suma, são lexias cristalizadas, para nos valermos de Pottier (1978). Isso talvez explique o fato de as formações ‘por caso, acaso’ manterem o sentido de ‘fortuito’.

Acidente

Um dos sentidos de ‘acidente’, não o primário, era ‘acontecer’. É esse sentido que se depreende nesse trecho:

(10) o que ele adorava era unicamente a sua beleza, a forma; isto é, um ‘acidente’ (José De Alencar, *A Pata da Gazela*).

É nesse sentido ainda que a palavra figura em gramáticas, como nessa definição de verbo:

(11) é a parte da oração mais rica em variações de forma ou ‘acidentes’ gramaticais. Estes acidentes gramaticais fazem que ele mude de forma para exprimir cinco idéias (LIMA, 1988).

Como o acidente era de caráter fortuito, casual, uma vez que não definia de modo permanente as coisas, associou-se também ao significado de ‘coisa fortuita’:

(12) te deixei por simples ‘acidente’ (Pupu Crystel, *A Volta do Amor Ardente*).

Uma posterior restrição semântica, cujos motivos ainda estão por delinear-se, conduziu o significado para ‘mau acontecimento’, ‘infortúnio’:

(13) ‘acidente’ de amor machuca demais, furou o lado esquerdo amassou o direito [...] e nesse ‘acidente’ a vítima sou eu (Gino e Rick, *Acidente de Amor*).

Destacamos que já Saraiva (2006, *s.v. accido*) alerta para uma restrição de sentido do verbo *accidere*, origem de *acidens* ‘acidente’, ‘desgraça imprevista’, quando significava ‘acontecer’. Não era um simples acontecimento, mas em geral um mau acontecimento: *Si quid ei accidat* ‘se algum mal lhe suceder’; *Si quid pupillo accidisset* ‘se ao pupilo lhe acontecer alguma coisa, i.é, quando ele viesse a morrer’ ou ‘em caso de morte do pupilo’. Portanto, tudo indica que temos aqui a ação do uso. Talvez o excerto não seja capaz de explicar, mas o amplo contexto discursivo em que se insere, ou seja, o contexto prévio. Quiçá ação do emprego da palavra na Medicina, em que significa “[...] o que sobrevém de perigo ao doente no tempo de sua doença, como o sono profundo, o fastio, o não poder dormir” (BLUTEAU, 1728, *s.v. accidente*). Pode-se vislumbrar nesse emprego ainda o sentido de ‘fortuito’ como o define Houaiss (2001), neste campo: “fenômeno patológico inesperado que sobrevém no curso de uma doença”. Desse uso específico no campo da Medicina, pode o sentido de ‘desgraça’ ter-se espalhado para o uso comum.

O derivado ‘acidental’ mantém o sentido não marcado de ‘fortuito, casual’, não sendo, pois, afetado, pela restrição de significado.

(14) o russo é duplamente mongólico: é-o pela circunstância inicial de o constituírem as tribos cássares e turanas, e pelo fato ‘acidental’ da conquista tártara (Euclides da Cunha, *Contrastes e Confrontos*).

(15) Uma diferença ‘acidental’ de cor é causa para que se possa julgar superior à vizinha (Lima Barreto, *Clara dos Anjos*).

(16) Na minha cidade, a vontade se escoia/Numa guanabara elétrica de preguiça/Tudo é descontroladamente lindo/Como gol ‘acidental’ (Lobão, *Ipanema no Ar*).

As lexias compostas, em geral, sofrem restrição de significado, apresentando conotação negativa: ‘acidente operatório’, ‘acidente de trabalho’, ‘acidente vascular cerebral’, ‘acidente de percurso’. Provavelmente entra aí o componente pragmático: numa operação, por exemplo, espera-se que haja cura e o mal não é esperado. No penúltimo exemplo, espera-se que o cérebro esteja sanguineamente bem irrigado, e a falta de sangue ocasionou malignidade, esta, através de ‘vascular cerebral’, conota axiologicamente mal o acidente.

A exceção é ‘por acidente’ que se liga ao sentido não marcado, significando ‘por uma eventualidade’,

em que a lexia tem seu significado historicamente cristalizado:

- (17) Também não foi ‘por acidente’ que o coloquei ali, no ambiente promíscuo do Farol (Adriano Espíndola, *Táxi*).

Agouro

O sentido original do termo latino *auguriu(m)* era ‘ciência dos áugures, adivinhação’. O dicionário Aurélio registra tanto a acepção geral de boa ou má sorte, quanto a acepção restrita de ‘azar’, mantida nos derivados de *agouro*, no contexto descrito como um todo:

- (18) sonhos com uma trégua de orvalhos noturnos/desaparecem no bafo quente do ‘agouro’ de mais e mais e mais desertos/e a alma se entrega chorando (Lobão, *A Véspera*).

Em várias outras letras de música, o sentido é não marcado:

- (19) esfola o couro/do mau ‘agouro’ (ahh!)/saio vivo do abatedouro (Trio Elétrico, *Mó Valor*).

A flutuação semântica é bem evidente nos derivados. ‘Agourento’ e ‘agoureiro’, por exemplo, figuram no léxico como substantivo ou adjetivo. No primeiro caso, de rara frequência, eles podem ter sentido não marcado: ‘aquele que faz previsões, adivinho’. É nesse sentido que ‘agoureiro’ é usado no texto bíblico de Deuteronômio 18.9-11:

- (20) Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem ‘agoureiro’, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos (BÍBLIA SAGRADA, 1995).

Como adjetivos, ligam-se à conotação negativa: ‘que indicia azar, má sorte’, cujas pistas são contextuais e/ou a cooperação pragmática:

- (21) Depois de um galope curto, ouvi de novo os uivos do animal, uivos compridos e ‘agourentos’ (Graciliano Ramos, *Alexandre e outros Heróis*).
 (22) o meu desejo era atirar-lhe pra cova aquele presente ‘agourento’... ‘Agourento’... ‘agourento’ não digo, porque afinal enquanto usei aquele buçalete nunca fui ferido... (Simões Lopes Neto, *Contos Gauchescos*).
 (23) O Best Seller do momento/É um livro ‘agourento’/Que ninguém entende mas/Todo mundo quer ler (Raul Seixas, *Best Seller*).

Outro derivado, ‘agourar’, também se liga à conotação negativa: ‘causar má sorte’:

- (24) se o eterno mau agouro/dos que vivem a te agourar (Raimundo Sodré, *Vai pra casa esse menino, viu?*).
 (25) _ Mas, se não chegar mais cartas, então é sinal que Antonieta morreu [...]

_ Tu acaba lesa de pensar tanta maluquice. Ela está é passeando, se divertindo. Por que ‘agourar’ criatura tão direita? A carta não passa de amanhã (Jorge Amado, *Tieta do Agreste*).

Encontramos apenas uma lexia: ‘ave de agouro’, segundo Nascentes (1986): ‘pessoa que traz má sorte’. Nesse caso, o termo foi afetado pela restrição de sentido negativa como a maioria dos derivados.

Cumprir destacar que, em alguns contextos, o termo isolado assume valor de ‘mau agouro’, o que indicia ser este o sentido mais frequente.

- (26) Acocorado, mascando fumo de rolo, perto de uma casa, sua presença prenunciava morte. O Anjo da Morte. Sinal de ‘agouro’, de desgraça, tangiam-no, davam-lhe dinheiro para que fosse embora (Hélio Pólvora, *Estrondoso rumor de cascos*).

(27) Ah! Então aquilo é que é o canto da acauã? Tenho lido, tenho lido. É realmente medonha assim de perto. Que ‘agouro’! a acauã cantar quando vim festejar os meus anos, hem? (Manuel de Oliveira Paiva, *Dona Guidinha do Poço*).

(28) Estes ouvidos de velho caçador não se enganam... E aquilo é ‘agouro’!... – Que ‘agouro’, que nada! – Há dois anos piou um jaó no sítio do João Bernardo... lembraste?... e três dias depois o João Bernardo esticou a canela... (Artur Azevedo, *Jaó*).

Bluteau (1728, s.v. *agouro*) registra que, em língua portuguesa, “[...] ‘tomar agouro’ sem especificar com a palavra bom ou mau, de ordinário, se entende por tomar mau agouro”, o que se configura redução ou eclipse, segundo Bréal (1992). O mesmo, segundo Bluteau, ocorre em latim com o adjetivo *ominosus*, *a*, *um* (*ominari* ‘tomar agouro, prognosticar’), que, usado isoladamente, significa ‘coisa de mau agouro’: *Ominosa res accidit* ‘sucedeu uma coisa de mau agouro’. Daí o derivado *abominável* < *ab* – *omin* – *avel*: ‘o que devido à natureza ominosa nos afasta’.

Tais usos, a propósito, apontam uma motivação pragmática da omissão do adjetivo e consequente redução, similar à que ocorre com o apagamento do objeto em construções com o verbo ‘beber’ que assume o sentido de ‘beber bebida alcoólica’; ‘fumar’, que só se aplica quando se especifica o objeto fumável e ‘comportar-se’, que numa frase como ‘comporte-se, menino!’ só significa ‘comporte-se bem’, talvez pela frequência de uso que favoreceu o apagamento do advérbio.

Augúrio

Trata-se de forma erudita de ‘agouro’, relativa, segundo o Aurélio, a bons ou maus presságios. O sentido mais antigo é, conforme registra Houaiss (2001), “profecia feita pelos áugures, sacerdotes romanos, a partir do canto e voo das aves”. Sofreu

ampliação de sentido para significar “[...] aquilo que é pressagiado; agouro, profecia, vaticínio” (HOUAISS, 2001, *s.v. augúrio*):

(29) na tua ausência qualquer ‘augúrio’ lisonjeiro/é o de uma estrela oculta e apartada. (Paulo Ribeiro, *Sem Ti*).

(30) essa coisa que equivale ao ‘augúrio’ dos antigos quando liam no vôo dos corvos. (Manuel Oliveira Paiva, *Dona Guidinha do Poço*).

Segundo Carpinetti (2009), os vocábulos *augure(m)* (> ‘áugure’), *augurium* (> ‘augúrio’) e *auspicium* (> ‘auspício’) apresentam significados distintos. O primeiro designava o sacerdote que ‘fornece os presságios que asseguram o crescimento de um empreendimento’. O segundo significava a interpretação dos sinais, em geral, favorável. O terceiro, por fim, significava apenas a observação dos sinais. Afirma o autor, conjugando fonética, semântica e pragmática:

Augurium designa o presságio favorável no sentido mais amplo da palavra. É um termo muito mais compreensivo que *auspicium*, que designa simplesmente a observação dos pássaros e a época arcaica distingue nitidamente os dois termos. Mas ‘a identidade fonética da sílaba inicial e também o fato de que o presságio mais fácil a tomar e o mais difundido era fornecido pela observação do vôo dos pássaros’ trouxeram as confusões de sentido – de resto parciais – entre *augur*, *augurium* *auspex*, *auspicium*. Deve-se notar que nunca *auspex* foi empregado para designar a qualidade de *augur* (CARPINETTI, 2009, p. 2, grifo nosso).

Essa explicação se coaduna, em parte, com a de Bréal (1992) referente às contingências históricas que explicam a ampliação de sentido.

Na Web, encontramos alguns exemplários do termo ‘augúrio’, axiologicamente marcado como positivo ou negativo do contexto:

(31) cama de madeira é de bom ‘augúrio’ (http://www.espacoterraluz.com/dicionario_sonhos/p.htm).

(32) Quando os galhos do pinheiro ‘rangem’ à noite com o impulso dos ventos, é mau ‘augúrio’. Alguém está para morrer e o pinheiro está oferecendo madeira para o caixão (http://www.pr.gov.br/seec/simbolos_pinheiro_folclore.shtml).

Como se vê, a forma erudita, segundo o *corpus*, parece não ter se especializado, face ao contexto discursivo ou à presença de adjetivos.

Azar

Segundo Houaiss (2001), o termo ‘azar’, cujo sentido original era ‘flor’, e depois por extensão, ‘dado’, passou, nas línguas modernas entre os séculos XV e XVI, a designar ‘má sorte, infortúnio’. Segundo

Bluteau (1728), o sentido era, no jogo de dados, ‘tirar o ponto que faz perder’. Essa ideia negativa se expandiu para o domínio da linguagem comum:

(33) eu sou o seu o ‘azar’/eu vou te fazer chorar (Eu sou o azar – Zumbis do Espaço).

Os derivados ‘azarar’¹, ‘azarão’, ‘azarado’ se prendem a este significado negativo:

(34) Eu vou sabotar, você vai se ‘azarar’/O que eu não ganho eu leso/Ninguém vai me gozar não jamais (Cassia Eller, *Top, top*).

(35) *Perdas & Ganhos*/Lya Luft (Record) / Considerado o ‘azarão’ na lista de mais vendidos dos últimos meses, chegando a ultrapassar a mais recente publicação do imortal Paulo Coelho, o livro da autora gaúcha apresenta memórias, reflexões e devaneios sobre a maturidade e conquista os leitores – principalmente aqueles que têm mais de 40 – pela identificação imediata. (Revista Isto é, *Os melhores da literatura em 2003*. Disponível em: http://www.terra.com.br/istoegente/230/diversao_arte/livros_melhores_2003.htm).

(36) Droga, droga/O que é que deu errado/Porque tanta má sorte/Eu sou tão azarado (Leandro Léo, *Terrível Pesadelo*).

A lexia composta, ‘jogo de azar’, mantém o sentido não marcado: ‘jogo em que se aposta para ganhar ou para perder’, o que pode ser constatado via articulação das palavras no discurso.

(37) Viver/é um ‘jogo de azar’/as cartas é você quem dá/mas nem sempre a sorte vem te visitar/azar de mim (Adriano Bermudes, *Jogos de Azar*).

Destino

A palavra ‘destino’ deriva do verbo *destinare*. Contém dois elementos: ‘de’, que significa movimento a partir de um certo ponto, *stinare*, que significa ‘fixar’. *Destinare* significa partir de um ponto fixo, da raiz *stano* ‘resistir’. O significado original tem o traço de volitividade: ‘prender’, ‘segurar’, ‘firmar’, ‘estar fixado’. Já se delineava, através do último sentido, aquele que viria a ser o significado em vernáculo. ‘Destinar’ é um curso a partir de um ponto. Na linguagem do arco e flecha, ‘destinar’ significava ‘fazer pontaria’ e ‘destino’ se referia ao alvo. Portanto, ‘destino’ primeiro significou ‘meta’ e depois se transformou em ‘fado’, ou seja, uma força imutável que determina o que sucederá no futuro. Como percebemos, através de contínuas migrações de meio social e uso, o significado original, por metáfora, passou a significar ‘sucessão de fatos que podem ou não ocorrer’, como nesses exemplos:

¹Há um outro uso do termo ‘azarar’ com o sentido de ‘paquerar’: ‘a onda é azarar um brotinho’ (Xuxa, *Feliz*). Para Houaiss (2001), o termo, nessa acepção, deriva de ‘asa’: ‘arrastar a asa por alguém’, justificando-se, portanto, a grafia com ‘s’: “azarar”, e não com ‘z’.

(37) mas se o 'destino' insistir em nos separar/danem-se os astros, os autos, os signos, os dogmas (Chico Buarque, *Dueto*).

(38) A gente quer ter voz ativa/no nosso 'destino' mandar/mas eis que chega a roda viva/e carrega o 'destino' pra lá (Chico Buarque, *Roda Vida*).

(39) nunca acreditei na ilusão de ter você pra mim/Me atormenta a previsão do nosso 'destino' (Los Hermanos, *Anna Júlia*).

Fado

O sentido primário do termo latino *fatu(m)* era 'predição, profecia'. Origina-se de um verbo arcaico e anômalo *fari* 'falar' para significar prognosticamente 'falar com vaticínio'. Houaiss (2001) define 'fado' como 'o que necessariamente tem de ser; vaticínio, decreto do destino'. É esse o sentido na letra da música José de Caetano Veloso:

(40) E o sinal que vejo é esse/De um 'fado' certo/Enquanto espero/Só comigo e mal comigo/No umbigo do deserto.

O derivado 'fatal' pode manter esse sentido de 'inevitável', como no exemplo (41), ou, por restrição de sentido, significar 'de mau presságio', como nas ocorrências (42-44). Tal flutuação de sentido já ocorria em Latim, segundo Saraiva (2006).

(41) os rebeldes se renderiam de um momento para outro. Era '*fatal*'. (Euclides da Cunha, *Os Sertões*).

(42) subjugada pelo impossível evidente, inelutável, a moça esfaqueou com as unhas pontudas a carta '*fatal*'. (Domingos Olympio, *Luzia Homem*).

(43) O ataque foi '*fatal*'. O grande chefe dos quilombolas foi apanhado de surpresa pelo descuido de um sentinela. (Camille Adorno, *A Arte da Capoeira*).

(44) Qualquer imprudência poderia ser '*fatal*'!... (Aluísio Azevedo, *O Cortiço*).

'Fatalidade', por sua vez, derivado de 'fatal', liga-se ao primeiro sentido: 'destino inevitável' no exemplo (45):

(45) 'fatalidade' o amor surgir tão de repente, até mesmo quando traz uma esperança é uma fatalidade (Diana, *Fatalidade*).

Mas pode também assumir acepção restrita de mau destino, desgraça:

(46) e é preciso aproveitar os momentos que me restam... prevenir a desgraça... prevenir a 'fatalidade'... (Raul Pompéia, *O Ateneu*).

(47) 'Fatalidade'atroz que a mente esmaga/extingue nesta hora o brigue imundo (Caetano Veloso, *Navio Negreiro*).

(48) E só te pede que te repouses quieta, muito quieta/e deixes que as mãos cálidas da noite encontrem sem 'fatalidade' o olhar extático da aurora (Vinicius de Moraes, *Ternura*).

Fortuna

Na origem, designava a 'sorte (boa ou má)'. Aurélio registra diversas acepções de 'fortuna': 'casualidade, destino, ventura'. No entanto, se especializou com conotação axiológica positiva, como provam os derivados. Segundo Faria (1994), especializou-se como 'boa sorte' ainda em latim, nas cartas de Cícero e daí, no plural, significava 'dons da fortuna, riqueza'.

(49) Com aqueles simples conhecimentos - ler, escrever e contar - entrou na vida, e não foram necessários outros para que lhe sorrisse a 'fortuna' (Artur Azevedo, *Na Horta*).

(50) Disseram que está no Norte/Toda 'fortuna' e sorte/que o mundo tem a oferecer/Para acabar de uma vez/com toda minha pobreza (Kid Abelha, *Cantar em Inglês*).

Mesmos nos derivados 'infortúnio' e 'afortunado', a raiz 'fortuna' tem conotação positiva.

(51) Foram meses de 'infortúnio'/Desse mal quase faleço (Beth Carvalho, *Novo Endereço*).

(52) Não faltavam ao soldado feitos que lhe aumentassem o prestígio de pessoa bem conformada, sem vícios que lhe dessem o realce de um 'afortunado' (Domingos Olympio, *Luzia Homem*).

(53) Com seu nariz furando o vento/Com um certo ar de autoridade/Eu fico louco, louco de saudade/Sou um cara 'afortunado'/perto de ti eu sou um poço de sensibilidade (Ira! *Poço de Sensibilidade*).

Sina

'Sina', cujo sentido original era 'sinais', advém do léxico do Zodíaco. Deriva de um plural *signa* relacionado ao singular *signum*. Etimologicamente, 'signa' é uma marca: vem do indo-europeu *secnos*, ligado a *secare* 'cortar, distinguir'. Para Houaiss (2001), significa: "fatalidade a que supostamente tudo no mundo está sujeito; destino, sorte, fado". É esse o sentido no trecho das músicas:

(54) mas como todos têm a sua 'sina' um a morte não levou (Milionário e José Rico, *Sonhos de um caminheiro*).

(55) ser poeta, cantador, vaqueiro, aboiador é a 'sina' do sertanejo (Flávio José, *Sina do Sertanejo*).

(56) e lembro dela ainda uma menina/subiu pra mente, ela virou minha 'sina' (Charlie Brown, *Sino Dourado*).

De todo modo, registremos um composto 'malsinado' em que figura o valor não marcado de 'sina', apesar de o composto ser negativamente marcado. É de uso pouco frequente na língua comum, encontramos apenas uma ocorrência num corpus variado de 45 milhões de palavras (CORPUS DO

PORTUGUÊS, 2012). Na Web, em geral, o termo figura com relativa frequência em sites jurídicos.

Sorte

‘Sorte’, cujo sentido em latim era ‘acontecimento fortuito de qualquer coisa’, assume em vernáculo o sentido de “[...] força que determina ou regula tudo quanto ocorre, e cuja causa se atribui ao acaso das circunstâncias ou a uma suposta predestinação” (FERREIRA, 1999, *s.v.*). Este sentido pode ser constatado numa letra de música popular de Chico Buarque de Holanda:

(57) são as trapaças da ‘sorte’, são as graças da paixão
(Chico Buarque de Holanda, *Trapaças*).

Emparelha em significado ao termo ‘destino’, conforme se vê nestes trechos de músicas populares:

(58) Se entornaste a nossa ‘sorte’ pelo chão, se na
bagunça do teu coração, meu sangue errou de veia e
se perdeu (Chico Buarque de Holanda, *Eu te amo*).

(59) Sexo é escolha, amor é ‘sorte’ (Rita Lee, *Amor e Sexo*).

No entanto, quando usado sem nenhuma adjetivação, o item lexical pode restringir-se quanto ao sentido, referindo apenas à boa ventura, por oposição ao uso adjetivado, como em ‘má sorte’, que mantém o valor não marcado:

(60) meu amor, você me dá ‘sorte’ na vida (Caetano
Veloso, *Sorte*).

A título de reforço ilustrativo, é bom citar o costumeiro augúrio ‘boa sorte’, ao final de uma prova.

Os derivados ‘sortear’ e ‘sortudo’ ilustram bem a flutuação semântica existente no léxico. O primeiro mantém vínculo apenas com o significado genérico: ‘lançar ou tirar a sorte, qualquer que seja ela’.

(61) Dia-a-dia tão complicado/O futuro me
‘sorteou’/foi o bom deus que batizou (Usina Reggae,
Canto, Canto).

(62) Além de isso, vai ‘sortear’ uma viagem para
Cancún com direito a acompanhante promoção que
vale em junho e julho (*Folha de S. Paulo*, 1994).

Já o segundo surpreendentemente mantém vínculo com o substantivo com restrição semântica: ‘aquele que é cheio de boa sorte’.

(63) Não sabe nada/Mas sabe tudo/Ele é ‘sortudo’/O
nome dele é Pikachu (Eliana, *A Força do Raio*).

(64) Quero-te ter sempre a meu lado/Caminhado
neste mundo/Se isso um dia acontecer serei um
rapaz ‘sortudo’ (Myth, *Isto é tudo que sinto*).

A ligação da palavra ‘sorte’ com as práticas divinatórias pode ser testemunhada pelo composto ‘sortilégio’ ‘leitura da sorte’ (sendo ela boa ou má). O percurso semântico pode ser acompanhado

brevemente no verbete *sors, ortis* de Saraiva (2006), em que significa “[...] tirar a sorte, oráculo, predição, sorte boa ou má”. Em Virgílio, o significado é de ‘êxito’. Cumpre destacar que os verbos *sortior* e o derivado *sortitus*, *a, um* só têm significados positivos, tomando-se como ponto de partida Saraiva (2006).

Dos termos que estamos analisando, sorte é o mais rico em lexias compostas, formadas de adjetivos com substantivo ou verbo com substantivo: ‘sorte grande’, ‘sorte cotó’, ‘por sorte’, ‘dar sorte’, ‘correr com a sorte’, ‘estar com sorte’, ‘deitar a sorte’, ‘ler a sorte’, ‘lançar a sorte’, ‘jogar a sorte’, ‘tirar a sorte’, ‘estar selada a sorte’. O caráter marcado positivamente ou não marcado deve-se aos acompanhantes de sorte. Tal flutuação, a nosso ver, tem raízes históricas, compreendê-la, em plenitude, exigiria o acompanhamento histórico das entradas lexicais e quiçá um aumento de *corpus*. O único exemplo de outro tipo de lexia composta é a locução conjuntiva ‘de sorte que’, ‘de sorte a’, cristalizada e não marcada.

Sucesso

Encontra-se ainda ligado à área semântica de ‘acontecimento’, que pode ser bom ou mau, *a priori*. A ideia axiológica negativa está em: *successum non habere* ‘ter mau resultado’ e a positiva em: *successus rerum* ‘o bom sucesso’ (SARAIVA, 2006, *s.v. successus, us*). Ambos os sentidos persistem em português.

O sentido não marcado figura ainda em vernáculo, no plural, como no exemplo (65), embora de ocorrência pouco frequente na linguagem moderna:

(65) com todos os lugares vazios, menos a grande
cadeira, agora ocupada por Dom Brás. Basília
arredou o banco, sentou-se e o velho lhe foi ditando
com impaciência sobre a viagem, os ‘sucessos’, a
entrada no Sertão, a gente que levava, o negro que
morreu, o ouro que trouxe (Raquel de Queirós, *O Galo de Ouro*).

Pode significar também ‘qualquer resultado de um empreendimento’, como no nome de um bairro de Fortaleza: ‘Bom Sucesso’. Significa ‘bom resultado, êxito’ em:

(66) Virei cantor de festim/ Mamãe contou que eu
faço um bruto ‘sucesso’ em Quixeramobim (Chico
Buarque, *Até o Fim*).

O derivado ‘insucesso’ acha-se vinculado ao significado restrito positivo, como oposição a (bom) sucesso.

(67) e opondo-lhe a mesma dispersão, única capaz
de amortecer as causas de ‘insucesso’ de anular o
efeito de repentinas emboscadas (Euclides da
Cunha, *Os Sertões*).

Ventura

'Ventura', na origem, está ligado, como 'sucesso', à noção de acontecimento 'coisas que estão por vir'. Nossa hipótese é de que a forma participial *venturus*, 'a', 'um' originou o substantivo 'ventura', através do plural do neutro, que foi interpretado em vernáculo como feminino. Possui, em vernáculo, sentido não marcado: 'o que está por vir', nos compostos 'bem-aventurado' e 'bem-aventurança'. Todavia, o uso aponta no sentido de uma especialização semântica positiva, como nos exemplos (68-69):

(68) o que é o seu andar? Que 'ventura' esse chão(Djavan, *Ladeirinha*).

(69) que a minha 'ventura' é tão linda/Como um canteiro de flores (Fagner, *Cantigas*).

Os derivados denominais 'desventura', 'venturoso' mantêm o sentido restrito positivo:

(70) Não se vá/O seu ciúme é o culpado desta minha 'desventura' (Agnaldo Timóteo, *Não se Vá*).

(71) Eu lamento a minha 'Desventura' desta pobre dor (Ângela Maria, *Saudade de Matão*).

(72) Por mais que se o resto prova/Ser um contínuo revéz./Morrer 'venturoso' e novo/Melhor me fora talvez (Fagner, *Cantigas*).

O único derivado verbal que encontramos, 'aventurar-se', liga-se ao sentido neutro: 'lançar-se no que está por vir':

(73) Cheia de charme, um desejo enorme/De se 'aventurar' (Guilherme Arantes, *Cheia de Charme*).

(74) Me entregar pra outra emoção/Me 'aventurar' numa nova paixão/e te dizer adeus/mas o amor não deixa (Wanessa Camargo, *O Amor não Deixa*).

As lexias 'porventura' e 'à ventura', como as demais, também se ligam ao sentido não marcado, pela fixidez já aludida por Bréal (1992).

Considerações finais

O objetivo deste trabalho é mostrar que, no sistema linguístico do português, o novo e o velho convivem *pari passu*, desfazendo-se assim a ideia de um sistema linguístico homogêneo, como bem estabelecera Bréal (1992). Cremos que isto foi, até certo ponto, demonstrado no léxico do destino, ainda que com um *corpus* muito restrito. Para chegarmos a conclusões mais alentadoras, precisaríamos de um *corpus* maior e de uma incursão histórica mais vertical. Tomamos Bréal como ponto de partida por ter ele tido o *insight* de uma semântica lexical multiforme: considerou o social, considerou o homem e sua vontade como confronto de desejos, não descurou jamais as mudanças da vontade humana e da sociedade, para ater-se a uma visão em que o homem não é alijado em nome de um sistema

reificado. Precursoramente enfocou a pragmática, o uso, que determina o sentido das coisas, em virtude do qual existem as mudanças, principalmente na restrição de sentido.

Quanto aos dados, sob a coerção de um *corpus* estrito, 28 itens do domínio semântico de destino, concluímos o que se segue:

(a) predomina a restrição de sentido, ora negativamente ora positivamente marcada, provavelmente advinda de usos em contextos discursivos específicos e de fatores pragmáticos;

(b) nas lexias compostas, há uma tendência para manter o sentido não marcado;

(c) a redução e o fenômeno semântico da metáfora tiveram papel que remonta à história da língua.

O que fizemos, incipientemente, por causa do restrito *corpus*, é um convite a um trabalho lexicológico de maior fôlego, em que, abordando-se a pancronia, pode-se aprofundar o papel das instituições, das relações interinstitucionais, interculturais e intersociais, o que implica adentrar a história da civilização romana. Um outro fenômeno que merece análise são as relações entre as palavras de acontecimento e o deslocamento para a noção de destino, à luz dos fatores suprarreferidos.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 2007.
- BÍBLIA SAGRADA (Português). **Deuteronômio**. Tradução de João Ferreira de Almeida Ed. Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BLUTEAU, R. **Vocabulário português e latino**: aulico, anatomico, architectonico... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. v. 8. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 24 jun. 2012.
- BRÉAL, M. **Ensaio de semântica**. São Paulo: PUC-SP, 1992.
- CARPINETTI, L. C. L. O léxico referente à religião no *De Haruspicum Responsis, de Cícero*. In: SILVA, J. P. (Org.). **Almanaque Cifefil**. Rio de Janeiro: Cifefil, 2009. v. 10. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xcnlf/6/03.htm>>. Acesso em: 23 jun. 2012.
- CORPUS DO PORTUGUÊS. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em: 23 jun. 2012.
- ECO, U. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- ECO, U. **Semiótica e filosofia da linguagem**. São Paulo, Ática, 1991.
- FARACO, C. A. **Linguística histórica**. São Paulo: Ática, 1992.

- FARIA, E. **Dicionário escolar latino-português**. Brasília: MEC/FAE, 1994.
- FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GEERARETZ, C. Hundred Years of Lexical Semantics. In: VILELA, M.; SILVA, F. (Org.). **Actas do 1º Encontro Internacional de Linguística Cognitiva**. Portugal: Faculdade de Letras do Porto, 1998. p. 123-154.
- GIVON, T. **Context as other minds: the pragmatics of sociality, cognition and communication**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.
- GUIMARÃES, E. A linguística é uma ciência histórica? In: BRÉAL, M. (Ed.). **Ensaio de semântica**. São Paulo: Educ/Pontes, 1992. p. 9-15
- HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Instituto Antonio Houaiss/Objetiva, 2001. (CD ROM).
- LEMLE, M. **Análise sintática**. São Paulo: Ática, 1984.
- LIMA, C. H. R. **Gramática normativa do português**. José Olympio: Rio de Janeiro, 1988.
- LOGOS. Disponível em: <<http://www.logoslibrary.eu>>. Acesso em: 23 jun. 2012.
- NASCENTES, A. **Tesouro da fraseologia brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- NERLICH, B.; CLARKE, D. D. Language, action and context. Linguistic pragmatics in Europe and America. **Journal of Pragmatics**, v. 22, n. 5, p. 439-463, 1994.
- PALRILHA, S. M. R. **Contributos para a análise dos atos ilocutórios expressivos em português**. 2009. 131f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Ensino)-Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Coimbra, 2009.
- POTTIER, B. **Linguística geral e teoria e descrição**. Rio de Janeiro: Presença/Universidade de Santa Úrsula, 1978. (Coleção Linguagem, n. 7).
- ROCHA, L. C. A. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- SAPIR, E. **A linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- SARAIVA, F. R. S. **Dicionário latino-português**. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.
- SEIDE, M. S. **A semântica de Michel Bréal: recontextualização, fortuna crítica e aplicação**. 2006. 279 f. Tese (Doutorado em Letras)-Universidade de São Paulo, FFLCH, São Paulo, 2006.
- VAGALUME. Disponível em: <<http://www.vagalume.uol.com.br/>>. Acesso em: 23 jun. 2012.
- WITTGENSTEIN, L. **Philosophical investigations**. Translation G. E. M. Anscombe. Oxford: BasilBlackwell, 1953.

Received on December 26, 2011.

Accepted on July 19, 2012.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.